

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	SP	01	--	2012	F40	11
	UF	SÍTIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Bairro Abobral / Comunidade quilombola de Abobral
LOCALIDADE	Bairro Abobral / Comunidade quilombola de Abobral
MUNICÍPIO / UF	Eldorado / SP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Literatura Oral
OUTRAS DENOMINAÇÕES	
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Leonila Pricila da Costa	☐ MASCULINO ☒ FEMININO	
OCUPAÇÃO	Lavradora Aposentada	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	17/01/1949
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☒ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

4. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

SP

01

--

2012

F40

11

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O levantamento das referências culturais quilombolas registrou e reuniu narrativas dos 16 quilombos participantes do projeto. Associada às narrativas está a prática de contar histórias, tendo como veículo a palavra falada. A introdução das escolas nos bairros rurais onde estão localizados os quilombos se deu em momentos distintos do desenvolvimento dos municípios, conforme foram sendo construídos os acessos às localidades mais isoladas. Em comunidades mais afastadas, só agora a alfabetização está em curso efetivamente, de modo que, nesses locais, os adultos têm pouca relação com o mundo da escrita. Seus conhecimentos foram adquiridos por meio da transmissão oral do saber acumulado dos mais velhos e pela experiência.

A oralidade característica das comunidades tradicionais é um importante vetor de transmissão de saberes e valores compartilhados, e por meio dela são estabelecidas as normas de conduta aceitas socialmente. Isto se aplica ao conjunto de narrativas recolhidas nos quilombos do Vale do Ribeira. São histórias que percorrem o tempo e o espaço, se proliferam em diferentes versões e se atualizam em toda parte.

As narrativas assumem função lúdica e educativa, atuando na formação moral dos indivíduos. Nelas encontram-se exemplos do que é certo e errado, e o que pode acontecer com aquele que não age adequadamente. Os contextos de enunciação destas histórias são vários. Em situações de encontro comunitário para uma atividade agrícola ou religiosa, em festas, ou simplesmente no âmbito familiar, no espaço doméstico.

"São histórias que ouvi do meu pai, do meu tio, dos mais velhos. Eu conto pra outros, pra guardar assim como eu guardei. Pra não se perder no tempo. A turma do Abobral gosta de contar essas histórias em velório." (Leonila, Pricila, Abobral, 2011).

As narrativas podem ser "causos reais", de fatos ocorridos com parentes, compadres e conhecidos, narrativas míticas que resultam de representações do imaginário local e abordam temas que envolvem criaturas e fenômenos sobrenaturais. Muitas vezes, causo e mito se confundem, impregnando os causos de mistérios e aproximando os mitos da realidade das pessoas. Há também narrativas que se aproximam das fábulas, quando os animais são personagens principais e possuem atributos humanos.

Negrinho d'água, boi-tatá, corpo-seco, saci, capora, curupira, mãe de ouro, boi d'água, mula-sem-cabeça, lobisomem, bruxa. Alguns destes seres são identificados como representações do diabo, são maléficos e possuem poderes mágicos, oferecendo perigo àqueles que com eles se deparam. É comum associar a aparição deste seres no período da quaresma.

Outras explicações para a concentração de ocorrências com visages e assombrações na quaresma referem-se ao fato de, neste período, algumas pessoas desrespeitarem as regras religiosas do período da quaresma, como restrições alimentares e determinadas práticas, aproximando esses seres maléficos dos infratores.

As falas dos mais velhos enfatizam a importância das histórias, da transmissão e a percepção de que o interesse dos mais jovens por este tipo de narrativa está diminuindo.

Boi d'Água

Personagens mencionados em histórias contadas em duas comunidades localizadas às margens do Rio Ribeira. Boi ou cavalo d'água são seres aquáticos e quando aparecem na terra, sempre em locais próximos da água, podem ser nocivos para os humanos. Compartilham com os Negrinhos d'água a capacidade de viverem submersos no rio, fundindo a classificação naturalista entre seres terrestres e aquáticos.

"Diz que o Boi D'água, quando surge na água, carece o remeiro ficar quietinho, sem fazer barulho, senão ele vira a canoa. Se ele sai em terra ele não consegue andar muito porque o casco seca e ele morre. Dizia a minha tia que ela viu, um dia, quando tava lavando roupa no rio. Diz que é puro boi, igualzinho, mas vive na água. Pode ser cavalo também, tem os dois. Diz que quando ela viu o boi com aqueles olhão assim ela deixou a roupa na água e saiu correndo. O Boi D'água eu penso que, se na terra tem, na água deve ter também, eu não sei de onde que vem. Ele vira a canoa e afoga quem tá dentro" (Leonila Pricila, Abobral, 2011).

Corpo Seco

A história do corpo seco foi registrada em 3 quilombos de Iporanga e um quilombo de Eldorado, em versões diferentes. Em uma das versões, se torna corpo seco a pessoa que cometeu incesto. Depois de morrer, o corpo dessa pessoa

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**SP 01 -- 2012 F40 11**

seca e se contorce, mas não se decompõe como os corpos dos mortos normais. Fica semelhante a um tronco ou galho de árvore seco. Não é perigoso, mas deve-se trocá-lo de lugar se for visto ou tocado por alguém. Nas outras versões, se torna corpo seco aquele que maltratou ou desobedeceu a mãe. Tornar-se corpo seco pode ser uma praga rogada pela mãe num momento de fúria. A história remete à necessidade dos filhos respeitarem suas mães, punindo aqueles que não têm uma prática adequada.

"É gente que morre e o corpo seca, não apodrece a carne. Vira uma pijuca (pau podre), cria até orelha de pau. Teve um corpo seco aqui em Eldorado, meu tio Pedro me contou. Diziam a turma que só podia ser um comandante de guerra que era muito ruim. Pegava o marido das mulher pra levar pra guerra. Quando as mulher chorava ele ainda abusava delas e ria. Ele sabia onde se escondia quem fugia do recrutamento, subia num pau e via onde tinha fumaça. Eu não sei se essa guerra é do Paraguai ou na de 32" (Leonila Pricila, Abobral, 2011).

Cavalo-sem-cabeça

História registrada em Abobral. Assim como versões do mito do Boitatá e do Corpo Seco, o cavalo-sem-cabeça é aquele que desrespeita o tabu do incesto entre comadres e compadres.

"O cavalo-sem-cabeça é comadre e compadre que ficam junto, acho que os dois viram uma coisa só. Ou então cada um vira um cavalo, eu não sei. Mula-sem-cabeça eu não sei a história, agora o cavalo-sem-cabeça aqui em Eldorado tinha. Ali na beira do rio o meu pai contava que tinha dois que saíam do morro do cemitério. Eles saíam e quando chegava na praia, na rua da beira do rio eles vinham arrastando a corrente. Saía briga feia entre os dois. Diz que ele não pode ver unha, olho e dente da gente, porque aí ele mata. Diz que isso serve de luz pra ele. Então quando vai sair na rua a gente tem que cobrir isso, se souber que por ali tem" (Leonila Pricila, Abobral, 2011).

Saci ou Saci Saperê

No Vale do Ribeira, os quilombolas também contam histórias de saci. Alguns o conhecem por saci-saperê. Nas versões coletadas, o saci pode aparecer como uma criatura extremamente maléfica, associado ao diabo que pode até matar uma pessoa, ou apenas fazendo estripulias, oferecendo perigo principalmente para crianças. Nas descrições, ele figura como um homenzinho ou um menino, preto, com uma perna só, fumando um cachimbo, cachaça na mão, e olhos vermelhos. Em algumas descrições é horripilante. As narrativas sugerem que o saci aparece principalmente para as pessoas que não cumprem suas obrigações religiosas.

"Meu pai vinha vindo da beira do rio, na altura da igreja e foi pra casa dele, lá pra capuava. Quando ele chegou numa conta ele viu um cavalo e pensou que era o cavalo do nosso bisavô. Mais pra frente ele viu um porco, acho que o porco tinha fugido e deu uma bengalada nele. Aí esse porco virou num molequinho com duas mamicada, quando ele viu o molequinho já foi batendo nele. A turma ouviu a fala do meu pai e aí o meu vô foi com todo mundo da casa pra buscar ele porque sabia que ele tava brigando com saci. Quando chegaram lá, era só brejo e o meu pai tava dentro do brejo atolado lá. O saci jogou ele lá e ele se atolou-se lá. No caminho ele foi andando, mas quando chegou em casa e viu a luz do lampião ele caiu e careceu até darem banho e botarem pra dormir. Depois disso ele ficou quinze dias ruim, com o saci assobiando em volta da casa e catingando lá dentro com enxofre. Quando foi pra ele morrer ele falava pra afilhada dele, a Virgínia: "Minha filha, eu briguei com o saci na vida e vou brigar na morte também. Ele não vai me vencer." Ele dizia que o saci tava assobiando pra ele quando ele tava doente pra morrer" (Leonila Pricila, Abobral, 2011).

Capora ou Caipora

Personagens provenientes da mitologia tupi-guarani. Também conhecidos como curupiras e caiporas. No folclore brasileiro, as narrativas parecem confundir as duas personagens. Não são muito comuns as histórias sobre caporas e curupiras nos quilombos do Vale do Ribeira. As narrativas abaixo trazem descrições que aproximam os dois. São conhecidos como seres da floresta, que protegem a mata e os animais contra aqueles que cortam árvores e matam caça. Embora a representação comum da capora e do curupira seja de um caboclo ou índio, com ou sem pelo, que tem os pés voltados para trás e montam um porco do mato, nas narrativas coletadas as criaturas não andam montadas, mas se reconhece que os pés pra trás.

"Diz que a capora tem o pé virado pra trás e é peludo, não sei se é homem ou mulher. A lenda diz que é protetora do

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

SP

01

--

2012

F40

11

mato, se não passa perto dela nem mexe no mato, ela não faz nada. Mas se ela pega, ela dá fim.

Tem uma historinha da Capora: a turma tava no mato fazendo canoa. Ela veio e pegou a canoa, botou na cabeça, botou os que tavam trabalhando dentro, e foi embora. Aí numa certa altura um cara se segurou em um pedaço de pau e ficou por lá mesmo. E ela continuou, foi embora. Aí quando ela chegou no destino dela, foi ver e não achou mais o "menino" (ela via o homem como menino). Então falou: "cadê meu menino, se voasse fazia papapa, se trepasse fazia reque-reque, se caísse fazia tibum. Nada disso foi feito. Então cadê meu bonequinho?" (Leonila Pricila, Abobral, 2011).

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS****6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS****6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE****7. TEMPO****7.1. PERIODICIDADE****7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990**

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

8. BIOGRAFIA**9. ATIVIDADE****9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	SP	01	--	2012	F40	11
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

9.3. CRONOLOGIA	
DATA	DESCRIÇÃO

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO	

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO					SP	01	--	2012	F40	11
--	--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

DISPONIBILIDADE	
------------------------	--

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	SP	01	--	2012	F40	11
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

--

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	SP	01	--	2012	F40	11
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	11	
PESQUISADOR(ES)	Leonila Priscila da Costa Pontes, Anna Maria Andrade, Juliana Ferreira	
SUPERVISOR	Anna Maria Andrade	
REDATOR	Anna Maria Andrade e Juliana Ferreira	DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Anna Maria Andrade	ABRIL 2012